

CEDI - P. I. B.
DATA 15, 08/80
COD 04801

OS GUATÓS

Adair Pimentel Palácio
Comunicação apresentada na
XI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Recife,
maio, 1978

A busca de uma língua indígena ainda não analisada para trabalho de doutoramento em Linguística na UNICAMP, e o contato com a missionária salesiana, Ir. Joana D'Arc da Câmara Borges, proporcionado por uma colega do Departamento de Letras da UFPE, levaram-me a procurar os índios guatós em Mato Grosso. Ir. Joana D'Arc me indicou o nome de Ir. Ada Gamborotto, que em 1977 estava ensinando em um Colégio Salesiano em Corumbá.

Ir. Ada organizara a Equipe Indigenista Missionária Diocesana de Corumbá, um movimento em prol dos índios da região, constituída por jovens voluntários. Foi à frente dessa equipe que ela descobriu Josefina, uma índia guató de 55 anos, que mora em um bairro pobre daquela cidade. Josefina faz trabalhos de trançado para o Pró-Sol, agência do Governo de Mato Grosso que comercializa o artesanato local. O trançado levou Ir. Ada a Josefina, e esta identificou sua tribo. Na Pastoral Indigenista do Sul de Mato Grosso, realizada em Aquidauana em 1976, Josefina foi apresentada aos participantes.

Quando entrei em contato com Ir. Ada, ela me informou da existência de alguns falantes de guató residentes em Corumbá. Informou também que estava sendo organizada uma expedição para subir o rio Paraguai em fins

de setembro do ano passado, a fim de localizar famílias guatós.

Cheguei em Corumbá a 23 de setembro com o intuito de participar da referida expedição. Ir. Ada me esperava e facilitou-me muitos contatos. Sem sua ajuda meu trabalho teria sido moroso e, provavelmente, muito do que foi feito não teria sido realizado.

No mesmo dia de minha chegada fui à casa de Josefina. Ela é filha de uma índia guatô, mas seu pai não era índio. Nasceu na Fazenda São José, Porto da Conceição, e aos 5 anos foi enviada para a Bela Vista, uma concentração guatô, para ser desmamada, permanecendo ali até a adolescência. Aprendeu então a língua que fala ainda hoje. Casou-se com um homem que não era índio. Seus filhos não falam a língua, mas os mais velhos, que conviveram por muito tempo com os guatós da Bela Vista, se consideram índios.

Josefina é alta, de complexão robusta, tez morena clara, cabelos negros, longos e ligeiramente ondulados. Tem maçãs salientes e os olhos oblíquos. Embora apresente as características de uma pessoa enérgica, é dócil e tem sempre um sorriso triste nos lábios. Sua casa, uma espécie de Consulado Guatô, é visitada por índios residentes ou de passagem por Corumbá. Ela veio a ser minha principal informante.

Através de Josefina conheci sua irmã Francolina e seu sobrinho Cipriano, ambos residentes em Corumbá e que também me serviram de informantes. Francolina, bem mais velha do que Josefina, é filha do primeiro casamento de sua mãe com um homem que também não era índio. Ela viveu a maior parte de sua vida entre os guatós e foi casada com um índio guatô de quem teve filhos. Só saiu do

convívio com os de sua nação quando casou pela segunda vez com um homem que não era índio. Fala a língua com muito desembaraço e sabe histórias da tribo. É pequena e esbelta, muito viva, tem a tez escura e é muito falante. Cipriano foi morar em Corumbá há uns cinco anos, depois da morte de sua mãe. Seus pais eram ambos índios guatós. Ele tem aproximadamente 25 anos, é muito tímido e seus traços físicos correspondem aos dos guatós retratados por Max Schmidt no começo do século.

Conheci também em Corumbá uma irmã de Cipriano de 20 anos, casada com um não índio; uma moça de 19 anos, que tendo sido raptada aos 11, há oito anos vive dos favores de uma família em Corumbá; uma mocinha de 17 anos, que foi seduzida por um homem não indígena de aproximadamente 50 anos, do qual estava grávida; e um homem de uns 65 anos, que viveu desde os 7 anos de idade em uma fazenda e não fala a língua. Pelas informações que fui obtendo, pude identificar à princípio, 32 prováveis falantes de guató, que estariam vivendo esparsos pelas margens do rio Paraguai, para o norte de Corumbá, até a altura da lagoa Uberaba.

O acesso àquelas paragens é difícil. Se não for possível contar com condução particular, de preço inacessível para um pesquisador, pode-se usar três tipos de transporte: navios comerciais da Companhia Bacia do Prata, que têm paradas fixas, de onde ter-se-ia que depender de voadeiras (lanchas) ou canoas para alcançar os locais desejados; aviões da FAB, para uso dos quais se depende de certa rotina burocrática e que também têm pontos fixos de pouso, apresentando o mesmo problema de transportes locais; e finalmente, navios boieiros (chatas para transporte de gado), o meio de transporte mais viável, uma

vez que param para embarque e desembarque nos locais desejados e as passagens são de preço razoável. Entretanto, têm a desvantagem de não obedecerem a um calendário, por aterem-se às necessidades eventuais das fazendas.

A expedição que estava programada para subir o rio em fins de setembro, só partiu de Corumbá no dia 24 de outubro. Ela constou de um padre salesiano, um político local, um representante da FUNAI, um índio ca-diueño, o guató Celso, filho de Josefina, que muito vem se empenhando em reunir sua tribo, e membros da tripulação do navio Potengy, da flotilha de Ladário, especialmente cedido para tal fim. A mim, não foi dada permissão para fazer parte do grupo por ser mulher.

Dos dados que pude obter no regresso do navio, que chegou a Corumbá na tarde de 28 de outubro, aumentei o número de guatós para 42, depois de cotejar os nomes que eu já identificara com os das pessoas que foram localizadas. Entretanto, a expedição não pode cumprir todo o roteiro programado. O navio era grande, encalhou diversas vezes e a tripulação achou por bem voltar.

Enquanto tentava uma outra oportunidade para subir o rio e fazer, eu mesma, constatações a respeito de falantes de guató, fui procedendo o levantamento de dados lingüísticos com os três informantes de que dispunha. Visitava Josefina diariamente, gravava dados conforme um questionário previamente elaborado e transcrevia foneticamente de oitiva. Além dos dados lingüísticos, fui também procurando obter outras informações sobre os guatós.

Minha viagem rio acima só se tornou possível em meados de novembro. Consegui autorização do Comando em Cáceres, através da Brigada Mista do Exército em Corumbá, para visitar Porto Índio, assim como vôo de ida

para duas pessoas, em búfalo da FAB.

Porto Índio é uma ilha fluvial de forma elítica que fica na fronteira do Brasil com a Bolívia. Está limitada ao norte pela lagoa Uberaba, ao sul pela lagoa Gaíba, à leste pelo rio Paraguai e à oeste pelo canal Pedro Segundo que liga as duas lagoas. Ali encontra-se o 2º Batalhão de Fronteira. Fora um campo de pouso e a área do quartel, toda a ilha é constituída pela Fazenda Bela Vista, local de antiga concentração guató. Esse local está descrito por Castelnau (Castelnau, 1850), que foi quem deu nome ao canal em homenagem ao Imperador do Brasil. (Castelnau, 1949, II, p.325)

Segundo as informações de que dispunha, eu deveria encontrar algumas famílias guatós vivendo em Porto Índio.

Saí de Corumbá no dia 14 de novembro acompanhada por Celso. Ele passara sua infância na Bela Vista, conhecia o local e muitos dos seus moradores.

Recebida pelo sargento em comando daquela entidade militar e com permissão para usar um transporte da Fazenda, pude deslocar-me até a extremidade norte da ilha. Ali encontrei apenas uma família guató, constituída pela índia Zulmira, viúva de um índio Cabaçal, três de seus seis filhos, uma nora não índia e dois netos. Zulmira fala a língua, mas seus filhos são monolíngües de português. Ela me informou que todas as outras famílias guatós que ali residiam haviam se mudado para as lagoas Gaíba e Uberaba.

Tendo encontrado apenas uma falante de guató, regressei a Corumbá no primeiro navio boieiro que por ali passou.

Desde meu regresso a Campinas tive notícia de mais três expedições realizadas pela Equipe Indigenista, das quais participaram dois médicos. Das informações que obtive desses contatos, pude aumentar para 72 o número de guatôs encontrados. Soube também vagamente de uns 40 ou 50 índios guatôs vivendo ao sul de Corumbá. Calculo que há cerca de uns 120 guatôs na área. Mais recentemente soube de uma outra viagem realizada por um representante da FUNAI, porém não tenho maiores informações a respeito. Sei que o índio Celso participou de todos esses contatos.*

Pela bibliografia existente sobre os guatôs, sabe-se que eles eram índios canoieiros das margens dos rios Paraguai e São Lourenço (hoje aquele trecho é considerado parte do rio Cuiabá) e das lagoas Gaíba e Uberaba. Desde a publicação dos Comentários, de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, no século XVI, até a publicação de Na Rondônia Ocidental, de Frederico Rondon, em 1938, a grande maioria das referências a aqueles índios revela-os como dóceis, probos e corajosos. Caçadores e pescadores por excelência, com alguma dedicação a pequenos roçados, levavam vida nômade. Agrupavam-se em famílias biológicas, que formavam três sub-tribos. De 1901 a 1928 foram objeto de estudo científico pelo etnólogo alemão, Max Schmidt, que lhes fez três visitas. Schmidt estudou-lhes a história, costumes, cultura material, descreveu-lhes o trançado, etnia e fez levantamento de vocabulário da língua.

Sem se saber precisar exatamente os motivos, de 1936, data em que Frederico Rondon esteve em contato com eles, até 1976, data da Pastoral em Aquidauana, os guatôs passaram a ser considerados tribo extinta. A literatura nesse período de 40 anos, não contém qualquer informação baseada em contato pessoal com a tribo.

A situação atual desses índios é de extrema pobreza. As famílias remanescentes encontram-se dispersas pelas margens mencionadas, ora vivendo dos favores de algum fazendeiro que lhes permite permanecerem em suas terras, ora vivendo escondidas até serem descobertas e exotadas para outro esconderijo. Todas as terras naquela área agora têm dono. A caça está proibida. O jacaré e a onça pintada foram espécies tão exploradas comercialmente que chegaram quase à completa extinção, advindo daí a proibição da matança desses animais como também de outros. Com isso o índio guatô ficou sem uma das atividades fundamentais de sua cultura, pois o jacaré era parte de sua dieta e a caça da onça, o teste de suficiência para um menino passar da puberdade à maturidade e poder casar. (Castelnuau, 1949, II, p. 330). Espoliados, sem ajuda e sem rumo, perdidos muitos dos seus traços culturais, como os atarrados de que tratou Schmidt, e com a língua sendo substituída pelo português, os homens, mais do que as mulheres, vêm se entregando à embriaguês, em total desânimo, sem constituir família, aparentemente em um processo de auto-eliminação. As mulheres, que parecem mais animadas, partem para casamentos com não guatôs, provocando a perda do vínculo lingüístico. Aliás, encontra-se na literatura referências a uma descendência patrilinear entre os guatôs (Metraux, 1942), mas as narrações que obtive revelam papel preponderante da mulher na vida em família. Tem sido prática naquela área tomar as crianças de seus pais índios para criá-las nas grandes fazendas onde se tornam falantes exclusivos de português. Tenho em meus registros a narração de Francolina, que com apenas 7 anos, fugiu de uma dessas fazendas para a aldeia onde estavam sua mãe e avô.

A língua guatô está classificada por Aryon

Dall'Igna Rodrigues como pertencente ao tronco macro-jê (Rodrigues, 1970). Na literatura sobre esses índios, encontrei apenas três autores que fizeram levantamento de dados da língua. Além de Max Schmidt já mencionado (Schmidt, 1905, 1942), há também uma lista de palavras levantadas por Castelnau (Castelnau, 1850), reproduzida por von Martius (Martius, 1867), e outra lista por Frederico Rondon (Rondon, 1938). Há ainda uma lista publicada por Moutinho (Moutinho, 1869), obviamente extraída do material de Castelnau. Tenho informação também de um pequeno contato de James Wilson, do Summer Institute of Linguistics, com famílias em Porto Índio, nos anos 60, quando aquele linguista fez o levantamento de umas 30 palavras. Entretanto, esses dados não foram publicados. Todo o material linguístico publicado consiste, portanto, apenas de listas de palavras, não oferecendo muita informação para o conhecimento da língua.

Pela análise que vem sendo feita do material linguístico que levantei, ainda bastante incipiente, parece tratar-se de uma língua tonal, em que cada sílaba tem um nível determinado de tom e diversas palavras se distinguem fonologicamente apenas por suas diferentes configurações tonais. Aparentemente há três séries de consoantes oclusivas: surdas não aspiradas, surdas aspiradas e sonoras, distribuídas por cinco pontos de articulação (labial, dental, alveo-palatal, velar e labiovelar).

Um fato que havia impressionado particularmente Castelnau, um sistema de numeração bastante desenvolvido, com nomes para números altos, pode ser confirmado com meus informantes (Castelnau, 1949, II, pg. 319-321). O sistema tem base quinária e apresenta nomes específicos para os números 1, 2, 3, 4, 5, 10, 15, 25, 35, ... etc. Te

nho registrados ainda os números 50, 100 e 1.000.

Os guatôs estão precisando de assistência oficial. Falta-lhes uma área de terra, onde possam reagrupar-se, para enfrentar as opções de sobrevivência que lhes oferece o convívio com a sociedade nacional, sem estarem necessariamente sujeitos à espoliação ou à benevolência dos fazendeiros que se estabeleceram em seu antigo território.

- * Poucos momentos antes da leitura desta Comunicação fui procurada pelo antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel, funcionário da FUNAI em Brasília, que me informou haver sido ele a pessoa enviada pela Fundação para fazer um levantamento prévio dos índios guatôs remanescentes. Pelo seu cálculo, o número de índios guatôs se eleva a 220.

REFERÊNCIAS

- BALDUS, Herbert. Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, vol. I, São Paulo, 1954.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nunez. Comentarios. Valladolid, 1555. Ref. em Baldus, 1954.
- CASTELNAU, Francis de. Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para. Histoire du voyage. 6 tomos, Paris, 1850-51. Ref. em Baldus, 1954. Tradução consultada: Expedição às Regiões Centrais da América do Sul. Cia. Ed. Nacional, 6 tomos, São Paulo, 1949.
- MARTIUS, Carl Friedrich Phil. von. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumel Brasiliens. Vol. II, Leipzig, 1867.
- METRAUX, Alfred. The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134, Washington, 1942.
- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. Notícia sobre a Província de Mato Grosso, Tipografia Henrique Schroeder, São Paulo, 1869.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. "Línguas Ameríndias", in Grande Enciclopédia Delta Larousse. Editora Delta, Rio de Janeiro, 1970.
- RONDON, Frederico. Na Rondônia Ocidental. Brasiliana, vol. CXXX, Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1938.
- SCHMIDT, Max. Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Engebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901. Berlim, 1905. Ref. em Baldus, 1954. Tradução consultada: Estudos de Etnologia Brasileira. Brasiliana, Gr. Formato, Vol. II, Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1942.
- "Resultados de mi tercera expedición a los guatós efectuada en el año de 1928". Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, V, nº 6, Asunción, 1942. Ref. em Baldus, 1954.